

Foto de arquivo pessoal



INDIANA E SEUS looks: no alto, penca vermelha e maquiagem no estilo 70%. Acima, na noite em que abriu o show de Gloria Gaynor em Brasília.

Jefferson Lessa

Sexta-feira, uma da manhã. A Rua Coode Lages, na favela da Lapa com a Glória, está praticamente deserta. Faz frio e as janelas das casas e dos sobrados centenas estão fechadas e escuras. Na esquina com a Rua Taylor, porém, o pequenino TribOz lerve. O lugar, surpreendente mistura de casa de shows com bar, está lotado desde cedo, para um show que começou quatro horas antes. E vem abando a cada música apresentada. O motivo de tanto tráfego é a cantora Indiana Nomma, hondurana de 34 anos que faz sua primeira apresentação ali.

No palco, Indiana canta standards de jazz, passa a um set de música brasileira e encerra com uma homenagem a Mercedes Sosa. Faz tudo isso muito bem, diga-se. A presença é imponente. O vestido é de seda azul com estampas alaranjadas; o cabelo, amarrado com uma faixa larga; e os adereços são grandes, de inspiração africana. Entre uma canção e outra, Indiana conta histórias — e demonstra que tem ritmo para piadas.

A noite termina depois de alguns hits, com a plateia encantada. Indiana ainda circula entre seus adidos, distribuindo largos sorrisos e tímidos "obrigada" antes de todos se retirarem com a certeza de que assistiram a um belo show.

Mãe... quem é essa garota? Na tarde de terça-feira, encontramos Indiana Nomma (nêe Martins de Moraes) em casa, num prédio quase em frente ao TribOz. Faz calor na pequena quitinete. Da janela vê-se o casarão antigo da Lapa com o moderno skyline da Avenida Chile ao fundo. No som, batidinho, a releitura das francesas do Pink Turtle para "The logical song", do Supertramp, com uma sonoridade que remete aos anos 1930.

Indiana oferece biscoitos, água, chã. E fala.

— Meu pai era um sociólogo comunista balano muito idealista. Tanto que queria me batizar Procara, sigla para Programa de Capacitação da Reforma Agrária, projeto em que ele trabalhava na época — conta, com um sorriso. — Minha mãe brigou com ele por conta disso e resolveu homenagear uma amiga da América Central. Indiana não é um nome incomum por lá.

Por conta do idealismo do pai, a família teve que se exilar na década de 60, tempo de perseguição política braba no Patropi. O emprego do pai nas Nações Unidas levou Indiana a nascer em Honduras, mudar-se para o México com 10 meses, morar em Portugal por



COM DOIS ANOS, brincando na Cidade do México

dois anos e passar outros dois na Nicarágua. Em seguida, a família estabeleceu-se por quatro anos na cidadezinha de Rostock, no norte da Alemanha Oriental, onde as aulas de canto eram obrigatórias. Quando chegou em Brasília, adolescente, Indiana já sabia que seria cantora.

— Meu pai era clarinetista e minha mãe cantava muito. Tenho uma trilha sonora para cada momento da minha vida. Entre na noite com 20 anos. Fiz performance em banda cover e cheguei a abrir o show de Gloria Gaynor em Brasília. Há oito anos, decidi seguir carreira solo. Explorei tudo, música balana, sertaneja, MPB, black, disco music dos anos 70... Depois, me encontrei pelo jazz.



A CANTORA, de 34 anos, faz pose na Lapa: a voz poderosa e a mistura de estilos musicais são duas de suas marcas mais fortes.

A diva da Rua Taylor

Recém-chegada ao Rio de Janeiro, a cantora Indiana Nomma, nascida em Honduras e criada entre América Central, Europa e Brasil, vem conquistando uma legião de fãs na cidade



RECORDADA NO DÍTA, fazendo o gênero Billie Holiday. O cigarro é apenas um adereço, já que a moça rido furta

Com um nome forte em Brasília, vieram os planos de conquistar o Rio. A mudança definitiva aconteceu há poucos meses. De cara, a moça foi parar no Lapiñha, casa de shows na Avenida Mem de Sá.

— Ela chegou com um grupo de amigos para ver a Levy Andrade. Um amigo meu me perguntou se eu não ia convidá-la para uma canja. Convidei, claro, e ela foi logo pedindo um ré-bemol, que é ruim pra caramba de tocar — diverte-se Ruy Quarrema, sócio da casa de shows. — De cara, ela cantou "Cry me a river", difícil. E ainda fez, com a boca, som de trompete. Quando ela agradeceu em ótimo português, perguntei: Quem é você??? Ela disse que estava em busca de uma oportunidade no Rio e eu a contratei na hora. Simpatizma, Indiana conta

que o tal som de trompete surgiu da necessidade de improvisar.

— Uma noite, o saxofonista faltou. Resolvi fazer o som com a boca e gostei do resultado. O improviso também está no jeito de se vestir.

— Faço o gênero brechó. Mas sou meio distraída com roupa. Separo acessórios, escolho sapatos e arrumo o cabelo, mas esqueço da roupa. Já tentei

comprar um vestido dois dias antes de um show importante e, claro, não encontrei nada, pois sou gordinha assumida. Mas sempre busco uma identidade afro e jazz. Vai bem com a minha cor e com a minha cara.

O baixista Nema Antunes, que toca com Ivan Lins, conhece Indiana dos tempos da Capital Federal.

— A gente se encontrou nos anos 90. Gostei dela na hora, era diferente de tudo que eu ouvia. É inacreditável que ela ainda não tenha gravado um disco — lamenta Nema. — É uma das cantoras mais preparadas que já conheci, está pronta para tudo. Mas precisa de patrocínio e direção.

A jornalista Helena Durcan, igualmente conterrânea, também é fã, mesmo sem ter visto um showzinho sequer.

— Uma amiga de Brasília chegou no Rio perguntando se eu conhecia a Indiana Nomma, dizendo que cantava um jazz incrível. Recorri ao YouTube, claro. Vi o vídeo dela cantando "Summertime" e me apaixonei. Ela compõe?

Compõe sim, Helena. E tem boas notícias.

— Meu próximo projeto é um disco com músicas minhas, na linha afro-jazz-brasileiro-contemporâneo. Até o fim do ano, termino a produção.